

MANTENDO A POSE: “MACHOS QUE GOSTAM DE OUTROS MACHOS” OU “HOMOSSEXUAIS SEM MARCAS” (DA SUA HOMOSSEXUALIDADE)

Carlos Guilherme Hünninghausen *

Resumo: À luz da recente explosão da Internet, um fenômeno chama a atenção: o dos sites adultos de relacionamento voltados aos encontros de natureza sexual. Neste artigo quero explorar a emergência de um tipo de desempenho e identidade sexuais ligados a esses sites, tendo como ponto de referência as reflexões e considerações dos estudos de gênero e performance no que estes tangem as questões do desempenho da sexualidade como performance social-chave para a construção e manutenção da identidade.

Palavras-chave: Estudos de gênero, performances sociais, construção e manutenção da identidade, Internet.

“Sou homem, cara de homem, jeito de homem, meio marrento. Pra mim discreto é coisa de gay querendo disfarçar. Nada contra mas não é a minha. Não frequento lugares GLS, não tenho amigos gays, sou ligado em esportes radicais (surf, windsurf, etc. ...) Sei que essa coisa de site é meio complicada mas como não curto me expor fico sem opção pra encontrar pessoas legais. Não curto sexo descartável. . . Sou um cara totalmente na minha, curto meus amigos, minha casa, meus bichos de estimação, meus esportes, meus livros e meus discos. Só naum curto caras afeminados. Sou mal acostumado por causa dos relacionamentos que tive e prefiro caras que eu possa levar a qq lugar. Procuo pessoas com características parecidas com as minhas. Se vc acha que se enquadra deixa seu e-mail ou MSN que eu faço contato. Preferência por caras com fotos.”

1. Introdução

O trecho que aparece como epígrafe neste artigo é exemplar. Ele foi integralmente retirado do perfil cadastrado por um “surfista entediado”, apelido adotado por um usuário do site de relacionamento virtual www.disponivel.com.br. Ali, usuários cadastram seus perfis que, por conterem fotos, vídeos, uma breve descrição e suas preferências pessoais, criam reflexos de suas personalidades e identidades no mundo virtual. Uma vez registrados no site, esses indivíduos podem, então, realizar pesquisas na base de perfis, trocar mensagens, deixar recados e convidar para encontros outros usuários da ferramenta.

2. Surfista entediado

Para o “surfista entediado”, cadastrar-se sob tal perfil significa muitas coisas. Duas delas, entretanto, saltam aos olhos: a primeira e mais óbvia diz respeito à promessa de satisfação sexual. Através do site, nosso “surfista entediado” procura encontrar “pessoas com características parecidas” com as suas. Mas, que pessoas são essas e quais seriam suas características? Ora, para um “surfista entediado”, “mal acostumado por causa dos relacionamentos que tive (teve)”, as pessoas que procura são “caras que (ele) possa levar a qq (qualquer) lugar.” Traduza-se: parceiros do sexo masculino cuja característica principal seja o desempenho sem falhas da masculinidade, o papel normalmente acordado, no palco da heterossexualidade compulsória, como dos indivíduos do sexo biológico masculino. “Só naum (não) curto caras afeminados”, decreta o “surfista”. Desempenho sem falhas, virgula. Falta-lhes, como é meu argumento aqui, a competência no principal índice atribuído a essa performance, que é a consumação do ato sexual com indivíduos biologicamente “opostos”, a performance inicial (e, por que não dizer, fundamental) da matriz heterossexual. É por conta dessa falha que esse “surfista entediado” está “disponível”.

Estar “disponível” parece tanto ser a possibilidade de sair do “tédio” (tédio este que seria representado pela performance da heterossexualidade?), quanto a possibilidade de manutenção de uma performance adequada ao palco da matriz heterossexual. Isto é, deslocada para o horizonte virtual do www.disponivel.com.br, está aquela performance que não pode ser desempenhada, que não pode ser reconhecida, muito menos tornar-se visível: a satisfação de um desejo que, como diz Judith Butler (1990), não tem espaço no palco da heterossexualidade compulsória e da ficção da coerência sexual, o da consumação do ato sexual entre dois indivíduos do sexo masculino.

Assim, chegamos à segunda significação que mencionei acima (e aquela que mais me interessa). Ao tomarem hoje o lugar dos espaços físicos antes destinados às performances não contempladas pela ficção da coerência sexual, tais como bares, casas de prostituição, clubes e boates, sites como o www.disponivel.com.br emergem como um novo espaço que reproduz e reitera preconceitos. Ao invés de tornar nossa sociedade mais flexível em suas normas performativas, fazemos crescer ainda mais o preconceito à sexualidade e seu desempenho. Ao empurrarmos performances não aceitas pela norma heterossexual para espaços e palcos como o virtual, menos visíveis e, sem dúvida, ainda mais especiais do que os que eles anteriormente ocupavam, estamos novamente reforçando a legitimidade e a visibilidade de apenas uma norma. Todo o resto, e por “resto” temos aqui que entender toda uma gama de identidades e performances, precisa ser varrido para debaixo do tapete.

No espaço físico, o funcionamento de personalidades “desviantes” também era condicionado a um lugar especial destinado a elas, mas tinha, necessariamente, de ser revelada para o pequeno grupo de pessoas que ocupava o clube, a sauna ou a casa de prostituição, locais destinados e demarcados como próprios para essas performances. Hoje, nossa sociedade de signos aleatórios encarregou-se de criar mais um reflexo de sua hipocrisia moral baseada na ficção da correspondência da identidade biológica com a identidade sexual no recém-criado espaço virtual. No entanto, e porque essas identidades de bits e pixels são necessariamente aleatórias, mas alimentadas pelo preconceito da norma heterossexual e sua concepção biologizante da sexualidade, ainda que nossas identidades virtuais possam continuar a habitar esse espaço matemático e para sempre lá multiplicar-se sem nunca terem de agregar-se a um corpo no mundo físico, o padrão criado ainda reproduz a norma da matriz heterossexual. Dessa forma, não se resolve o problema em si, de tornar a matriz mais flexível, mais abrangente, mas, sim, cria-se ainda mais um espaço ficcional que pretende conter (só que agora em seus limites digitais, por detrás das inúmeras telas que o habitam) a proliferação esquizofrênica dos sentidos, das identidades e das performances em um mundo pós-representacional, informado pelo hiperreal. Se o espaço virtual pode ser definido como aquele em que podemos ser justamente aquilo o que não podemos no mundo físico, isto é, se o espaço virtual é um mundo essencialmente abstrato, feito de signos aleatórios e equações matemáticas, que não requer correspondência com o mundo físico, mas que o ultrapassa, estamos, deliberadamente, limitando sua expansão através da replicação de conceitos e paradigmas que há muito deveriam ter se tornado obsoletos. A quem interessa a invisibilidade desses “homossexuais”?

3. “Que seja MASCULINO”

Resguardadas pelo plano virtual, tais identidades desviantes da norma podem permanecer funcionais no mundo físico justamente porque se mantêm inteiramente misteriosas, invisíveis. Da mesma forma que as paredes da sauna e da casa de prostituição se encarregavam de criar limites físicos para a moral e a decência, hoje as telas e as ferramentas da internet se encarregam de impor os mesmos limites. “Sei que essa coisa de site é meio complicada, mas como não curto me expor fico sem opção pra encontrar pessoas legais”, lamenta-se o surfista, entediado. A declaração-chave é “como não curto me expor fico sem opção”. Ela revela uma contradição. Subentendido na descrição do perfil do “surfista entediado” está o fato de que “pessoas legais” seriam aquelas com as quais o titular do perfil em questão pudesse, também, ter relações íntimas, sexuais. No entanto, tal ato pressupõe uma quebra performativa diante da matriz heterossexual e o ingresso em um outro palco. Ou seja, uma vez que temos a biologia para nos assegurar que atos sexuais entre indivíduos com a mesma identidade biológica não são “naturais”, não são “corretos” e, muito menos, “desejáveis”, tal performance não pode ser consumar. Resta a esses indivíduos a manutenção da heterossexualidade no mundo físico e a promessa da satisfação sexual através do mundo virtual.

Mais uma vez, ao invés de nos afastarmos cada vez mais da tarefa de associar sexo biológico, identidade e desejo sexual em um único corpo, reiteramos as punições aplicadas a todos aqueles que não desempenhem seu papel de acordo com essa concepção. Jogue-se tudo isso no plano virtual, que hoje parece ser o lugar no qual depositamos nossas esperanças, uma vez que não conseguimos dar conta delas no mundo físico, e temos a reiteração da hipocrisia, do preconceito e, muitas vezes da violência. Tomando em conta o número de perfis cujas características principais são o “não dar pinta”, o parecer-se com um “brother maneiro” ou ser o “gurizão-firmeza”, além dos já esperados “HkasadokerH”, temos, ao que parece, um longo caminho pela frente. Alguns trechos reproduzidos do mesmo site, que descrevem as preferências de outros usuários, indicam essa estrada de dimensões colossais:

“sou um cara tranquilo, mas q tb adora uma boa balada... tenho um bom papo, um corpo legal e não demonstro nenhum sinal de homossexualidade... pra mim antes de tudo o cara tem q conversar comigo e tal... ser gente boa sei lah... axo q soh se falando pra saber se rola algo ou nao... tenho namoradoAAA... o que eu procuro não eh um namorado, mas alguém legal pra sair as vezes... q possa ser meu amigo, e ninguém desconfiar de nada”

“Um Homem! Um Amigo! Tem sido difícil! Um cara que ame a masculinidade, não tenha falsos moralismos, não seja “dono-da-verdade”, não pegue no meu pé, não viva enrolado na bandeira do arco-íris e que seja MASCULINO-coisa que muita gente diz ser e não é.”

“Pow raça... Sei q é foda encontrar alguém manero para algo mais num lugar desses... mas como brothers maneros estão por toda parte... quem sabe... Quero um brother para ser parceira... de malhação, de trilha, de praia, de surf, de balada e de balde de pipoca com filminho ou jantinha sussegada qdo os dois sentirem vontade de ficar quieto em casa. Quero um brother q esteja dividindo as coisas boas e ruins... Que todo mundo olha e acha irada a amizade entre os brother, mas q entre paredes só os dois sabem o q rolam... Sou muito discreto, sarado, todo liso, boa pinta, não do meio, luto jiu-jitsu e surfo, curto trilhas, bike, corrida e uma baladinha de vez em qdo.”

“Sou um kra discreto pra caralho, não curto afetados, tenho um corpo legal, sou doente por futebol e velocidade. Alguém pra sair na rua e apresentar para os meus amigos, e que ninguém suspeite nada ta ligado?”

“Não procuro namoro, mas. Descarto gordos, afeminados, nada contra como amigos, mas curto pessoas que se cuidam e se for mulher que seja mulher se for homem idem! Abração! O que nao impedem de ser Bi!”

“Sou homem que curte homem. Não é pedir demais encontrar alguém como eu. Se vc é homem com jeito de homem, másculo, sem trejeitos e de preferência fora do meio gls, estamos falando a mesma lingua. Por isso já deixei avisado: viadinhos ou “fashions” não rola, ou se vc acha que o importante é chamar a atenção, não faço o seu perfil.”

“Curto bissexual sem ser assumido. Curto surf e muita punheta, malho muito na academia aqui no real park morumbi onde rola um pega legal, pois lá não tem a divisória lateral inferior e por isso vc entra no box e pode meter, mamar e etc... sem ninguém ver – to curtindo lá pois tem mais caras do disponível lá. To ficando fortão com tanto ânimo para treinar. rs rs Sem essa de vergonha cara. Comigo só rola lá. Nem insisti, pois comigo é só lá mesmo. Acho mais seguro. So caras bi.”

É interessante notar que, como informam dados do próprio “www.disponivel.com.br”, o site está entre os cem na categoria GLS (sigla para “gays, lésbicas e simpatizantes”) mais visitados do Brasil. Eis um sinal da hipocrisia que, para mim, toma a forma desses indivíduos que dissociam e deslocam suas identidades e desejos sexuais não para longe da ficção de coerência biológica da sexualidade - o paradigma da matriz heterossexual -, mas para perto deste Xanadu virtual *invisível* aos olhares atentos da norma. Assim, sites como o “www.disponivel...”, ainda que aparentemente acolhedores, também recriam uma espécie de “manto de invisibilidade” em lugar ainda mais recôndito para todos aqueles muito preocupados com a manutenção da coerência de suas identidades sexuais perante os avanços nas discussões das questões da identidade e performance sexuais propostos pelos estudos de gênero. Ao que parece, quanto mais dissociamos identidade e biologia, mais indivíduos por trás de perfis como o do “surfista entediado” sentem-se compelidos a manter a ficção da concepção biologizante da identidade sexual proposta pela matriz heterossexual em operação.

Os donos dos perfis, apesar de identificados como “homens” pela matriz heterossexual, não estão à procura do sexo heterossexual, aquele sancionado pela norma, mas de sexo com outros homens. Fato que, nos próprios termos da matriz heterossexual, acarreta uma quebra na coerência performativa, um desvio de conduta que, enfim, os põe lado a lado (no mesmo palco) das performances *homossexuais*. Entretanto, se relemos com atenção os dados contidos nos perfis desses usuários, teremos pistas de que, em nenhum momento, esses indivíduos abrem mão daquilo que, desde seu nascimento, os define, no palco da heterossexualidade compulsória, como indivíduos: o desempenho impecável da masculinidade. Ora, o que temos aqui então? Um “macho” que, ao desempenhar muito habilmente o papel designado pela concepção biologizante da sexualidade para os indivíduos do sexo biológico masculino cai na armadilha criada pela própria matriz heterossexual, que envergonha, desabona e exclui comportamentos como o dele próprio, que anseia pelo contato íntimo com outros homens. Ansioso e desejar contatos mais íntimos com outros “machos marrentos” e não apenas com indivíduos do mesmo sexo biológico - pois gordos, afeminados, “viadinhos” e assumidos são categorias performativas que parecem ter sido igualmente excluídas da lista de características que nosso “entediado” personagem central e tantos outros valorizam - assegura ao “surfista” a continuidade *ad infinitum* da sua performance na matriz heterossexual. Nesse caso, o desempenho da masculinidade o torna não só apto, mas, aos olhos da própria matriz heterossexual, invisível. Sua homossexualidade se torna invisível. Ai, parece-me, reside a raiz do preconceito sexual: os assumidos, os afetados, os afeminados e todos aqueles que, de uma forma ou outra, estejam sujeitos a comportar características que não aquelas normalmente associadas a masculinidade, quer dizer, todos esses indivíduos que deem visibilidade a outras normas, precisam ser eliminados, ou ao menos, colocados em palcos específicos, já que desafiam a coerência e a exclusividade performativa da matriz heterossexual em seus próprios corpos e em suas performances, revelando a fragilidade desse sistema.

Para que isso não aconteça e nosso “surfista entediado” seja, também, excluído, é imprescindível que seus desejos e, portanto, o desempenho deles, permaneçam invisíveis para a matriz heterossexual. É aqui que surge o perfeito desempenho da masculinidade. É aqui, como já disse, que hoje se inserem esses sites de relacionamento. O espaço virtual, definido como aquele em que podemos ser justamente aquilo que não podemos no mundo físico, é um mundo abstrato de signos aleatórios e equações matemáticas. Assim, é que é essencialmente dissociada a identidade no mundo físico da identidade no mundo virtual. Desta forma, sites como o “www.disponivel.com.br” proporcionam um novo manto de invisibilidade, em uma sociedade que a cada dia parece querer inserir, inscrever e delimitar performances em nichos de mercado. Sites de relacionamento são importantes pois recriam e mantêm em funcionamento o preconceito baseado, exclusivamente, na ficção da coerência sexual, uma vez que ali, no mundo virtual, nada precisa ser efetivamente revelado; nada precisa ter, de fato, uma correspondência ou âncora no mundo físico.

O que está em jogo nessa situação não é a performance da masculinidade, da heterossexualidade ou da homossexualidade, mas, sim, e mais uma vez, a compulsoriedade da norma heterossexual e suas performances adjacentes. Não está em jogo a heterossexualidade em si, mas suas “práticas reguladoras da coerência do gênero” (BUTLER, *op. cit.*, p. 48) e a obrigação de o indivíduo manter-se em um dos lados da equação, juntamente com a promessa de nunca transitar por eles. Continuamos, como já afirmou Foucault (1982), com o desafio que os hermafroditas têm inscrito no próprio corpo, que é um desafio à demarcação da identidade sexual e, assim, está sujeito a toda sorte de punições. Regularmente preconizada no palco da heterossexualidade compulsória, a validade do argumento para a correspondência entre identidade biológica e papel sexual não se sustenta no tecido social e ainda não encontrou sua base fundamentalista na genética. A ficção da coerência e da identidade sexuais dependem, única e exclusivamente, da manutenção de performances coerentes. É assim que podemos entender a permanência e vigência da performance da masculinidade nas sociedades contemporâneas. Ela é um dos índices mais visíveis para a manutenção da coerência sexual. Nosso “surfista entediado”, no entanto, é incapaz de entender, a partir do seu próprio desempenho e do modo pelo qual revela suas preferências sexuais, que aquilo que julga ser parte inabalável de sua identidade de “macho marrento” o torna ainda mais caricato.

4. Desempenhando a masculinidade

Se entendermos gênero como uma questão de performance, podemos também verificar a importância que índices de visibilidade histórica e socialmente determinados têm na hierarquia da constituição dos significados sociais e, no caso da masculinidade, da importância maior que essa performance em particular tem na constituição da identidade de um indivíduo (GOFFMAN, 1958).

Performances são, essencialmente, atos comunicativos. Entretanto, uma performance por si só nem sempre autoriza um significado, por exemplo: “Sou homem, heterossexual”. A legitimação do significado de uma performance depende, como qualquer comunicação, muito mais do reconhecimento e da partilha de seus índices por um grupo. São esses índices que, literalmente, carregam de sentido uma performance e, assim, basta que um índice (“Sou homem mas gosto de transar com outros homens”) esteja inadequado para que essa performance se torne incoerente, falsa ou irônica.^[1] O problema das performances sexuais não está na sua identificação e correspondência eventual com o sexo biológico, mas na necessidade de sua correspondência absoluta e na sua legitimação como natural. Como vamos determinar papéis e, por assim dizer, identidades, se eles estão sempre sendo transformados?

Se, em tese, e para um número cada vez maior de indivíduos, o desempenho e a satisfação sexuais, suas representações subsequentes, a organização da identidade e o papel social dominante, desvincularam-se da sua correspondência e identificação com uma concepção biologizante da sexualidade, na prática a história parece ser bem outra. Notemos como grande parte dos perfis cadastrados no “www.disponivel...” exemplificados acima demonstra isso.

O que os movimentos minoritários, de maneira geral, como a teoria e a literatura feministas e, mais recentemente, a teoria e literatura gay conseguiram estabelecer, através de décadas de lutas e esforços, parece ter sido precisamente esquecido nos trechos retirados

do site. Na verdade, o resultado de todos esses avanços teóricos nunca chegou até esses indivíduos de forma concreta. Ali, a masculinidade não é *uma* performance, mas *a* única performance possível.

Parte do esforço para deslocar o eixo da identidade, do desejo e da satisfação sexuais para longe da concepção biologizante da sexualidade, que demorou mais de vinte anos para ser levado a cabo, ainda não deixou o plano das discussões teóricas. Não podemos deixar de ficar estarelecidos ao ler perfis que, como esses, fazem da ficção da coerência sexual seu mote, seu ponto de partida, ao mesmo tempo em que invalidam claramente sua premissa fundamental, aquele índice performativo que não pode ser deixado de lado: ao arder por um contato íntimo com o proibido, justo aquela performance da qual a ficção da coerência sexual não pode abrir mão, os indivíduos donos desses perfis caem numa armadilha e ali devem permanecer, numa espécie de limbo performativo, sob pena de perderem seu status na matriz heterossexual.

Índices performativos como a masculinidade e a feminilidade, que já deveriam ter deixado de ser as performances-padrão usadas para se controlar o desempenho e a identidade sexuais, passam a ser vistos não como sinais, padrões, códigos que estabelecem uma determinada significação ou conjunto de hipóteses significativas, mas como características naturais, atreladas à biologia. Desautorizar essa versão da identidade e performance sexuais é uma das tarefas contínuas dos estudos de gênero. Entretanto, ao que parece, e como já afirmei, isso acontece somente em tese, pois perfis como o do nosso "surfista entediado" e seus parceiros parecem demonstrar que, na prática a situação é outra. Na prática, para todos esses indivíduos, ainda é impossível dissociar a biologia da performance sexual e abandonar esse manto de invisibilidade que é o resultado do perfeito desempenho da masculinidade, que recobre de sentido todos os corpos dos machos.

É para indivíduos como os donos dos perfis mencionados alguns parágrafos acima que a desvinculação entre a masculinidade da performance sexual e a concepção biologizante da sexualidade seria interessante. Tais perfis, ao que parece, são a regra e não a exceção em sites como o "www.disponivel...". Ao se tornarem tão comuns, entretanto, esses perfis também tornam legítimos os sentimentos já alastrados de que a norma heterossexual não é apenas *uma* norma possível, mas *a* regra, e que é preciso, sim, manterem-se estáveis as coordenadas das identidades sexuais, e triviais os preconceitos contra todos aqueles que se desviem dessas coordenadas. Como diz nosso "surfista entediado": "Pra mim discreto é coisa de gay querendo disfarçar." Isto é, o dono deste perfil, em momento algum, nem sequer se identifica com o homossexual, mesmo o "discreto". Nosso personagem não é "discreto" porque não é homossexual, mas sim macho, identificado com a matriz heterossexual e que, por isso mesmo, não pode ter relações com outro homem às claras! Ou seja, sua performance é totalmente coerente com as regras.

O que fica claro, isto sim, é que o desempenho da heterossexualidade depende muito menos da biologia do que da norma social que é adotada e compartilhada por uma comunidade. O que temos, portanto, é que a masculinidade (apenas um dos índices através dos quais a concepção biologizante da identidade e da sexualidade é normalizada e repetidamente associada ao indivíduo do sexo biológico masculino pela matriz heterossexual) opera vinculando e adicionando características ("Sou homem, cara de homem, jeito de homem, meio marrento") a uma performance social que se encarrega de, então, ligar-se à natureza biológica de seus indivíduos:

Se o corpo não é uma entidade, mas um limite variável, uma superfície cuja permeabilidade é regulada politicamente, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquias de gênero e heterossexualidade compulsória, então que linguagem temos para entender a identidade sexual, uma vez que esta constitui seu "interior" na superfície? (BUTLER, *op. cit.*, p. 139)

Porque performances têm precisamente a capacidade de criar realidades, porque comunicam "alguma coisa" (obviamente, e essa me parece ser uma característica impossível de ser contornada), nossa cognição e, por conseguinte, nossa sociedade conseguem lidar melhor com o lado da equação que se repete e, assim, torna-se visível, reconhecida e se reproduzindo infinitamente nos mínimos detalhes. Para ser homem, historicamente, é preciso repetir certos padrões de comportamento.

"Surfistas entediados", ao se sentirem atraídos pelo mesmo sexo, tornam, por assim dizer, incoerente o desempenho de sua masculinidade no palco da heterossexualidade compulsória. A ficção de coerência sexual proposta pela matriz heterossexual precisa de todos os seus índices se repetindo nos exatos lugares a eles atribuídos. Se a homossexualidade, agora visível, destrói a ficção da coerência sexual, ela o faz por causa do uso dos atributos da heterossexualidade como índices performativos. Indivíduos que negam a raiz e toda concepção biologizante da sexualidade e, portanto, da performance heterossexual, representada pelo ato de fazer sexo com indivíduo do sexo biológico oposto, precisam ser mantidos fora do palco. Dessa forma, a proteção antes proporcionada por essa ficção, esse manto da invisibilidade, é forçada a encontrar refúgio em um dos novos espaços que podem sustentá-la - a internet e seus sites de relacionamento virtual.

Em sua grande maioria, os indivíduos cujos perfis encontramos no site de relacionamento "www.disponivel.com.br", vivendo numa época em que os homossexuais, ainda que pela mão do neoliberalismo econômico, já são até mesmo considerados um nicho do mercado consumidor, tornam-se vítimas de suas próprias regras: o medo de comunicar incoerência em suas performances "heterossexuais" os leva a reiterar sua "masculinidade" a todo custo. Vemos, então, indivíduos acuados, valendo-se dos espaços criados pelas ferramentas virtuais para continuar a manter seu status heterossexual, enquanto, na prática, anseiam e procuram por outros companheiros do mesmo sexo para satisfação sexual, numa clara irregularidade da performance aprovada pela matriz da heterossexualidade compulsória. Por conta desse medo de apresentar a menor incoerência performativa, eles reiteram em seus corpos, hábitos e preferências os índices que os tornaram capazes de passar despercebidos aos olhos da matriz heterossexual. Ao invés de reconhecer os limites e, relativizar, enfim, sua própria sexualidade e identidade como uma performance, parecem ser esses os indivíduos capazes de cometer grandes atos de violência contra minorias, justo talvez porque, apesar de serem também uma minoria, fazem parte de uma minoria que não pode nem mesmo ser reconhecida como tal: a dos homossexuais machos "pra caralho".

Por outro lado, a possibilidade de corrosão da matriz heterossexual e de suas normas que a proliferação de papéis sexuais pode oferecer me parece condizente com o grau de exclusão criado pela própria matriz. O desempenho "invisível" da homossexualidade se instala na matriz heterossexual e a destrói de dentro para fora, ainda que de maneira absolutamente hipócrita. Vale o chavão e o estereótipo: quanto mais machão, mais interessado mesmo naquilo que isto justamente representa - o desejo pelo masculino, exageradamente caricaturado nos corpos hipertrofiados dos halterofilistas, atletas e tantos outros que vestem sua identidade do lado de fora do corpo.

Além desse deslocamento no espaço, o perfil do "surfista entediado" ainda nos diz mais. Ele descreve um indivíduo acuado pela visibilidade da homossexualidade, não só a sua própria, mas também a dos outros. "*Não frequento* lugares GLS, *não tenho* amigos gays", assegura ele. E isso parece fazê-lo voltar-se desesperadamente para si: "Sou um cara totalmente na minha, curto meus amigos, minha casa, meus bichos de estimação, meus esportes, meus livros e meus discos". E assim, assolado por uma pressão e uma solidão ameaçadoras, daquelas capazes de transformar o preconceito em violência física (pois a violência emocional já está em curso), nosso "surfista entediado" continua disponível. E prossegue: "Sou mal acostumado por causa dos relacionamentos que tive e prefiro caras que eu possa levar a qq (qualquer) lugar". A qualquer momento, ou melhor, ao menor sinal de rachadura na armadura confeccionada pela concepção biologizante da sexualidade, ou ao menor sinal de incoerência que a ficção da coerência sexual possa apresentar, esse indivíduo perde seus pontos de contato com o mundo, ficando, portanto, à mercê de uma performance que não é mais a dele, e que, para ele, não mais faz sentido, dada a sua incapacidade de dissociar "masculinidade" de "heterossexualidade."

5. Considerações finais

Duas questões importantes estão disfarçadas no texto que compõe o perfil do "surfista entediado":

1. Existe por trás desse perfil um indivíduo que representa, de maneira bastante clara, as distorções que são criadas e continuamente reiteradas no palco da heterossexualidade compulsória, pela vinculação da identidade sexual com a identidade biológica. Para ele, não ser "macho" é o mesmo que não ter identidade, ou pior, ser homossexual;

2. O mesmo texto põe às claras a armadilha em que se transforma, ainda no palco da heterossexualidade compulsória, o desempenho da masculinidade para os indivíduos cujo comportamento ou preferência sexual não obedeça integralmente aos papéis acordados pela concepção biologizante da sexualidade. Nesse palco de coerências não existe espaço para indivíduos como esses.

Referências

- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
FOUCAULT, Michel. *Herzline Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
GOFFMAN, Erving. *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Doubleday, 1956.
PHELAN, Peggy. *Unmarked: the politics of performance*. London: Routledge, 1993.
_____. and LANE, Jill, eds. *The Ends of Performance*. New York: New York UP, 1998.
SCHECHNER, Richard. *Between Theatre and Anthropology*. Philadelphia: U of Pennsylvania P., 1985.
_____. *The Future of Ritual: writings on culture and performance*. London: Routledge, 1993.
SINFELD, Alan. *Cultural Politics: queer reading*. London: Routledge, 1994.
WITTIG, Monique, *The Straight Mind and Other Essays* (92), 6ed. Boston: Beacon Press, 1998.

Title: "Strike a pose": Guys who like other guys or homosexuals without marks (of their homosexuality).

Author: Carlos Guilherme Hünninghausen

Abstract: The heterosexual matrix continues to push masculinity as one of its cornerstones into further boundaries. This paper argues that performing masculinity on adult Internet sites helps gender coherence to gradually replicate its premises on the new abstract spaces of cyberspace.

Keywords: Gender studies, Performing masculinity, Social Performances, Identity & Internet.

Titre: Conservant la pose: "mâles qui aiment d'autres mâles" ou "homosexuels sans traces" (de leur homosexualité)

Auteur: Carlos Guilherme Hünninghausen

Résumé: A la lumière de la récente explosion de l'Internet, un phénomène attire l'attention : celui des sites d'adultes de relations tournées aux rencontres de nature sexuelle. Dans cet article, je veux étudier l'apparition d'un type de conduite et identité sexuels liés à ces sites, ayant comme point de référence les réflexions et considérations des études de genre et performance en ce que ceux-derniers touchent les questions de la conduite de la sexualité comme performance sociale-clé pour la construction et le maintien de l'identité.

Mots-clés: Études de genre; Exécution de la masculinité ; Social Performances ; Identity et Internet

Título: Manteniendo la pose: "machos que gustan de otros machos" o "homosexuales sin marcas" (de su homosexualidad)

Autor: Carlos Guilherme Hünninghausen

Resumen: A la luz de la reciente explosión de Internet, un fenómeno llama la atención: el de los sitios adultos de contactos dedicados a encuentros de naturaleza sexual. En este artículo, pretendo explorar la aparición de un tipo de desempeño e identidad sexuales ligados a esos sitios, teniendo como punto de referencia las reflexiones y consideraciones de los estudios de género y performance en lo que atañe a las cuestiones del desempeño de la sexualidad como actuación social, llave para la construcción y el sustento de la identidad.

Palabras-clave: estudios de género; masculinidad performática; performances sociales; identidad y Internet

[1] A construção do riso em performances humorísticas se baseia largamente nessa premissa. Muitas vezes ele inexistente até que um único detalhe destrua o todo que foi até ali desenvolvido e torne, assim, incoerente a mensagem que estávamos sendo levados a decifrar pouco a pouco, através das nossas convenções sociais. Também podemos observar que o uso de índices da masculinidade (desta vez por parte de homossexuais assumidos) também revela um aspecto irônico, que parece precisamente zombar da biologia e da ficção da coerência sexual.

* Doutor em Literaturas Estrangeiras Modernas, PGI-UFSC. Professor da Faculdades Energia, SC. guidohunn@gmail.com.

